



CONHECER, APRENDER E RESPEITAR: A CONSTRUÇÃO DE CARTILHA DIDÁTICA DIGITAL SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL E GÊNERO.

KNOW, LEARN AND RESPECT: THE CONSTRUCTION OF DIGITAL TEACHING BOOKS ABOUT SEXUAL AND GENDER ORIENTATION

¹Jones Baroni Ferreira de Menezes, Universidade Estadual do Ceará – UECE,
janones.baroni@uece.br;

²Ana Carolina Oliveira Silva, Universidade Estadual do Ceará – UECE,
ana.carolina@aluno.uece.br;

³Shirliane de Araújo Sousa, Universidade Estadual do Ceará – UECE,
shirliane.araujo@uece.br;

¹Autor;

²Coautor;

³Coautor;

Resumo

A orientação sexual e a identidade de gênero, são assuntos crescentes na sociedade, tendo sido fundante a importância da abordagem da temática nas escolas, como cerne de todas as vivências sociais e da compreensão do respeito à diversidade. Contudo, um dos desafios do processo educacional nessa tônica é ainda a insuficiência de materiais didáticos específicos. Assim, o presente artigo objetivou relatar a descrição da elaboração de uma cartilha educativa digital e a possibilidade de utilização do material. O material didático trata de marcos históricos e datas do movimento LGBTQIAP+, não binaridade, bandeiras do movimento, musicalidade LGBTQIAP+ e imagens e sugestões de material a ser lido/assistido. O material mostra-se válido para introdução da temática nas aulas ou como guia para saber os principais temas no movimento, não sendo capaz de mudar o pensamento do leitor, mas de inseri-lo em um mundo de compreensão, entendimento e respeito a diversidade.

Palavras-chave: Educação sexual, Material didático, Diversidade.

Abstract

Sexual orientation and gender identity are growing issues in society, and the importance of approaching the theme in schools was fundamental, as the core of all social experiences and the understanding of respect for diversity. However, one of the challenges of the educational process in this tonic is still the insufficiency of specific teaching materials. Thus, the present article aimed to report the description of the elaboration of a digital educational booklet and the possibility of using the material. The teaching material deals with historical milestones and dates of the LGBTQIAP+ movement, non-binarity, movement flags, LGBTQIAP+ musicality and images and suggestions for material to be read/watched. The material proves to be valid for introducing the theme in classes or as a guide to know the main themes in the movement, not being able to change the reader's thinking, but inserting him into a world of understanding, understanding and respect for diversity.

Keywords: Sex education, Didactic material, Diversity.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a escola modificou-se de acordo com a demanda dos alunos inseridos nela, alcançando, atualmente, um patamar que extrapola a ideia de ensino sistêmico, que aborda apenas saberes matemáticos, científicos e gramaticais, agregando em seus currículos assuntos de vida pessoal, como bem-estar, relações interpessoais, cuidados e tantos outros (LOKMANNI; TRAVERSINI, 2017). Em outras palavras, a escola tornou-se o cerne de todas as vivências sociais.

A este modo, assuntos pertinentes na sociedade, que circundam a realidade dos alunos, ganham espaço não só nos documentos norteadores, como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como nos planejamentos de aulas e suas execuções e na construção de materiais didáticos que auxiliem no ensino. Dentre diversos assuntos emergentes, a orientação sexual e o movimento LGBTQIAP+ ganharam espaço.

Para Souza (2020) falar sobre sexualidade é falar que a sociedade impõe padrões de relação e aparência para todos os indivíduos que, quando não segue tais padrões, sofrem preconceitos e represálias. O autor ainda afirma que a sexualidade é livre e deve ser construída ao longo da vida, com as experiências individuais e suas vivências, não por imposições ditadas desde antes do nascimento.

A sigla LGBTQIAP+ representa “[...] Gays; Lésbicas; Bissexuais; Travestis, Transexuais e transgêneros; Querr; Intersexo; Assexuais; e Pansexuais; além das pessoas que não se sintam representadas por nenhuma das outras oito letras [...]” (DUARTE; DOULA; DA SILVA, 2020 p. 248). Neste ponto, é valoroso pontuar e diferenciar os conceitos de orientação sexual e identidade de gênero, visto que estão inclusos na sigla apresentada. Assim, Gonçalves e Gonçalves (2021) elucidam quem a orientação sexual está vinculada aos relacionamentos afetivos-sexuais com pessoas do mesmo sexo (homossexual), sexo oposto (héterossexual) e ambos (bissexual). Já na identidade de gênero diz respeito a como a pessoa se sente, física e psicologicamente, se do gênero feminino ou masculino.

Compreender esses conceitos e o contexto social que vivemos é reafirmar o avanço ao longo dos tempos relacionado a derrubada do padrão heteronormativo e do padrão cisnormativo, abrindo espaço para a visão de um mundo subjetivo e diversificado, onde não há construção definida do que vestir, como se comportar e com quem se relacionar (ROZÁRIO, 2020).

É sabido que a educação, como acompanhante das mudanças sociais, não pode excluir essa subjetividade, pelo contrário, em seu papel de trabalho com crianças e jovens, é necessário um trabalho ainda mais efetivo de orientação e respeito. Assim, a discriminação, preconceito e até mesmo agressão brutal aos grupos LGBTQIAP+, apenas reforçam a

necessidade de uma educação sexual que seja ampla e que trate de assuntos totais sobre a sexualidade, não parciais.

No entanto, a atualidade não é favorável ao ensino da sexualidade e enfrenta desafios diários, que acabam por deixá-lo em segundo plano nas aulas. Poderíamos classificar esses desafios em três vertentes: i) Um aspecto reducionista, que aponta a sexualidade trabalhada na escola como uma obrigação higiênica, sem necessidade de laços com o respeito ao gênero, a orientação e ao direito à sexualidade (CAMPOS, 2015); ii) A formação de professores para essa temática, que pode ser vista como secundarista em seu caráter transversal nos PCN e ser desconsiderada nos cursos de licenciatura e formação continuada (SOARES; MONTEIRO, 2019); e iii) A disponibilidade de recursos didáticos para o tratamento dessas aulas que já tem antecedentes de material didático negado, como do projeto “Escola Sem Homofobia”, o comentado “Kit Gay”, que poderia ser um grande responsável pelo respeito a diversidade (JÚNIOR; ROSE, 2017).

Atentando-nos para estes pontos, esse estudo utilizou da construção de cartilhas educativas digitais para a divulgação das principais pautas da luta do movimento LGBTQIAP+, buscando abordar principais dúvidas e curiosidades, com o respeito ao direito e à diversidade, expondo sobre os marcos históricos, o movimento e a legislação e conceitos que ajudam no entendimento ao movimento LGBTQIAP+.

Sanchez e Cardoso (2011) apontam que os materiais didáticos disponíveis para o ensino da sexualidade, precisam atender a demanda do alunato, informando-os sobre a realidade sexual, sem necessidade de afastá-los ou confundi-los, mas esclarecer pontos importantes. Em outras palavras, essa educação sexual precisa ser contextualizada, onde a realidade e a curiosidade do aluno, funcionam como ponto norteador para os assuntos que serão abordados em aula.

Diante dessa exposição, é de esperar-se que novas formas de ensinar a sexualidade sejam buscadas. Uma dessas formas é por meio do uso de cartilhas educativas, que são elaboradas com cuidado e embasamento necessários para alcançar o máximo de pessoas, ocasionando o contato com o assunto abordado e sua compreensão, independentemente do nível de conhecimento que o leitor possui sobre o referido assunto (ALVES; GUTJAHR; PONTES, 2019). Além dos aspectos citados antes, a cartilha ainda se mostra como um material em potencial para alcançar as populações de todas as classes sociais, visto que é uma metodologia de baixo custo e que pode ser utilizada por diversas vezes, em diferentes áreas (CUNHA et al., 2020).

Para mais, as cartilhas podem mostrar-se materiais potenciais na explicação de conteúdos, utilizando de linguagens simples e imagens atrativas e dar margem para a construção de outros materiais a partir dele, sejam outras cartilhas, ou outro tipo de material (BENEVIDES et al., 2016). Quando esse material é digital, torna-se ainda mais difundido, de fácil acesso e ainda mais dinâmico. Além disso, são materiais dinâmicos, com linguagem

acessível, “[...] com conteúdo objetivo, que transmite informações de maneira completa, porém não exaustiva [...]” (MOURA et al., 2019 p. 371).

Desta forma, este estudo configura-se como metodológico, que aponta para métodos que podem ser averiguados para a prática (BAFFI, 2018) pois objetiva relatar descritivamente a construção de uma cartilha didática intitulada “Orientação sexual e não binarismo”, detalhando os pontos primordiais de formatação da construção gráfica, elementos que compõem o material didático, além de demonstrar as possibilidades de abordagem da temática nas aulas de sexualidade das escolas.

Ressaltamos que devido seu caráter bibliográfico, que faz uso de fontes já existentes para sua própria elaboração, sem uso de respostas de indivíduos, tanto a cartilha quanto o artigo em questão, não necessitaram de submissão ao Comitê de Ética para sua realização, uma vez que documentos disponibilizados digitalmente, configuram domínio público, podendo ser utilizados por seus leitores.

CONSTRUÇÃO DA CARTILHA EDUCATIVA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL E NÃO BINARISMO

A cartilha foi elaborada no aplicativo Canva.com e disponibilizada no site do Projeto de Pesquisa Criação e Aplicabilidade de Recursos Tecnológicos EPTEDUC, ficando disponível em formato PDF para toda a comunidade interessada, podendo ser acessada de qualquer aparelho com acesso à internet (Smartphone, Tablet, Notebook), sendo possível também o download dela, para se trabalhar off-line. E, até o presente momento, houve a elaboração do material, porém ainda não ocorreu sua validação.

Para a confecção da cartilha, foram utilizadas as fontes Fedoka One, Eczar SemiBold, e Playfair Display. As fontes adaptavam-se de acordo com as funções que exerceriam, como o título na capa, que deveria possuir uma fonte de letra mais visível e forte, os textos e legendas, com letras mais delicadas, sem ocupar muito espaço para que a cartilha não ficasse cansativa. O material possui 19 páginas, contando com capa e elementos pré-textuais e pós-textuais e 22 imagens que se relacionam com o texto incluso.

A capa da cartilha (Figura 1) traz simbologia de uma mão nas cores da bandeira gay, sendo esta a mais conhecida do movimento. Aspectos coloridos foram usados propositalmente para despertar o interesse do leitor por meio do contato visual. Além disso, a simbologia também foi intencional, sugerindo força e união.

O design das cartilhas, com imagens, se faz imprescindível para seu entendimento e ludicidade (MOURA et al., 2019). A partir desse ponto, as imagens escolhidas tiveram o intuito de relacionar o texto à realidade e ser atrativamente visual, para facilitar a leitura e compreensão.

Figura1 – Capa da cartilha de orientação sexual e não binarismo

Fonte: Elaborada pelo autor

Com relação as páginas seguintes, foram realizadas uma breve descrição da autoria do material, com nome e brasão da instituição, nome da autora e do orientador e o ano de confecção, seguida de um breve prefácio, que antecipava o assunto da cartilha.

Para mais, também foram selecionadas músicas relativas ao tema que pudessem aproximar o leitor do objeto estudado, tais como: “*Born this way*”, interpretada por Lady Gaga e “Para quem duvidou” da Quebrada Queer. As canções abordam a importância da diversidade, da necessidade do respeito e da empatia entre as pessoas, independente da orientação sexual.

A relação do movimento LGBTQIAP+ com a música LGBTQIAP+ é conturbada atualmente, uma vez que, apesar de mostrar e cantar pautas dos movimentos, é comum que parte da população a enxergue como entretenimento ou acredite que tal musicalidade não alcance um grande número de ouvintes, ainda que, não admitido por algumas pessoas, essa manifestação tenha um alcance muito maior e parece, sendo cada vez mais difícil de conter, para aqueles que a veem como um adversário a moral (WASSER, 2020).

A sequência da cartilha se dá por meio da explicação das letras LGBTQIAP+, que pode gerar ainda muitas dúvidas com relação a sua nomenclatura, principalmente com as atualizações que acontecem constantemente no acréscimo de letras que significam novas sexualidade reconhecidas e devidamente conceituadas.

O início do movimento LGBTQIAP+ no mundo e no Brasil (Figura 2) também ganhou espaço cativo na cartilha, ressaltando sobre a importância do reconhecimento do Stonewall Inn e seu marco no ano de 1969. A revolta, revolução ou outros nomes aos quais muitas pessoas podem dar ao movimento iniciado no bar Stonewall Inn, durou, em média, 7 dias e ainda é lembrado como o maior marco da história LGBT, com enfrentamento policial e resistência por parte dos fregueses do bar, que iniciou anualmente um movimento envolvendo milhões de pessoas em uma parada, para celebrar o aniversário da rebelião e manter viva a história mais marcante do movimento (STEIN, 2019).

Figura 2 – Stonewall Inn e Ferro's Bar, momentos históricos da luta pelos direitos da população LGBTQIAP+



Fonte: Elaborada pelo autor

Em um quadro mais específico, foi-se traçado uma pesquisa sobre o início do movimento no Brasil. Um marco importante, semelhante ao Stonewall, foi quando lésbicas se reuniram em um bar de São Paulo, o Ferro's Bar, para manifestar contra o preconceito, marcando a data 19 de agosto como o dia do orgulho lésbico (LAHNI; AUADI, 2018), tornando ainda mais conhecido o folheto ChanaComChana, que foi proibido de ser vendido, na época.

Ambos os marcos foram descritos de forma sucinta, com imagens importantes, como a participação da polícia e ativista do movimento lésbico lendo o folheto proibido na época. As imagens, ainda que em preto e branco, levam a realidade do que ocorreu na época para que os leitores visualizem o ocorrido, não apenas o leiam e imaginem uma realidade tão distante, afinal, é comum que manifestantes, mesmo que pacíficos, sejam retaliados pela polícia, como ocorreu nos dois exemplos.

Algumas datas importantes também foram relatadas na cartilha, como a despatologização da homossexualidade, sacramentada pela resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que proíbe a apologia pública de profissionais à “cura gay”, assim como a colaboração em tratamentos para alcançar tal ato; a legalização para casamento de casais homoafetivos; a criminalização da homofobia, que mostrou-se um marco importante para a proteção de vidas integrantes do movimento; e, o marco mais recente na linha do tempo, a derrubada da proibição contra doação de sangue de homens homossexuais que, por muito tempo, já era questionado pela comunidade gay, científica e jurídica, vista que tal proibição era baseada em conceitos errôneos e ultrapassados, cuja ciência já havia desmentido, no caso, a transmissão da AIDS exclusivamente por homens gays (CARDINALI, 2016). Trata-se também sobre pessoas trans, um público altamente marginalizado, que conquista direitos dificilmente.

O prosseguimento de conteúdos da cartilha é traçado com a conceituação e exemplificação do não-binarismo, que Dos Reis e Pinho (2016) conceituam como uma fluidez entre as construções sociais apregoadas pela sociedade, ou seja, pessoas que não atendem ao padrão construído para ser homem ou mulher totalmente, utilizando-se de ambos os gêneros, podendo ser chamados de diferentes termos, incluindo o agênero.

Se, até o momento em que a cartilha aborda sobre a história do movimento e seus principais marcos, incentivando a compreensão e o respeito que podem ser levados para as aulas de educação sexual nas escolas, há uma segunda questão trazida com o debate do não binarismo: a escola é responsável por contatos diretos com a realidade e o quão um aluno pode sentir interesse e identificação para com um dado assunto, “[...] é um espaço de vivência das identidades, um ensaio do que será aceito e incentivado, ou reprovado e reprimido [...]”, causando um grande impacto sobre essas construções sociais do que é “para menino” e “para menina” (DOS REIS; PINHO, 2016 p.16)

Seguindo a linha de apresentação de conceitos ainda pouco difundidos, a cartilha traz um breve esclarecimento sobre a bissexualidade e assexualidade, que são, em alguns casos, incompreendidas. A bissexualidade é considerada uma “indecisão” com cobranças claras que os indivíduos se definam como homo ou heterossexuais (JAEGER et al., 2016), ao passo que a assexualidade é desvalorizada, confundida com opção de não se envolver sexualmente com outra pessoa ou receio de falar sobre seu desejo homossexual, mesmo que alguns assexuais, relacionem-se sexualmente, sua visibilidade dentro do movimento LGBTQIAP+ ainda é baixa (MARQUES, 2020).

Por fim, a cartilha traz uma exposição de algumas bandeiras do movimento LGBTQIAP+ (Figura 4), para que mais pessoas tenham conhecimento destas que carregam os detalhes das pautas de cada sexualidade e suas lutas e histórias.

Figura 4 – As bandeiras defendidas pelo movimento

Fonte: Elaborada pelo autor

A cartilha finalizava com sugestões de documentários que expunham a verdade sobre os acontecimentos do Stonewall e a vida e morte de uma trans que é considerada até hoje como uma das maiores e mais importantes líderes do movimento, Marsha P. Johnson (1945-1992). Além dessas sugestões, também é sugerido um livro da escritora Judith Butler, “Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade”, reconhecido, para muitos, como responsável pela criação da teoria Queer; o livro “(In)visibilidade vigilante: Representações midiáticas da maior parada gay do planeta, de Steven Buttermann; e “Cidadania trans: O acesso a cidadania por travestir e transexuais no Brasil”, de Caio Bnevides Pedra.

Ainda para lembrar os conceitos vistos na cartilha, há a proposta de um jogo de caça-palavras, ajudando os leitores a relembrar e memorizar nomes, conceitos e termos importantes e indispensáveis nas conquistas atuais. Finalizando o material com as referências utilizadas.

Apesar de sucinto, a cartilha abordou uma gama de assuntos emergentes, configurando um material importante para ser trabalhado e de fácil acesso, que pode ser usado, não como objeto absoluto para estudar em sala de aula, mas para introduzir o assunto que, ainda pode ser considerado como delicado ou incompreendido.

Além disso, a cartilha ainda se configura como um guia prático para professores que não possuem formação - como citado na introdução desse trabalho, é um caso comum –

nortear-se sobre assuntos principais a serem trabalhados e conceitos e termos para aprofundar-se em suas pesquisas e aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi descrever a construção de uma cartilha acerca de orientação sexual e não binarismo, com assuntos que merecem espaço na pauta da educação sexual feita em sala de aula, sabendo da dificuldade de compreender termos criados constantemente e novas pautas de lutas do movimento e sabendo da constante busca pelo conhecimento de jovens, professores e comunidade.

A cartilha mostra-se como um material em potencial, com uma abordagem de um pensamento mais aberto, de respeito às diferenças, de forma digna de vida humana, rompendo barreiras que se formaram com a perpetuação hegemônica de conceitos ideológicos e de preconceitos. Fato este que possibilitará que os estudantes não reproduzam violências com as pessoas que estão fora do padrão social imposto e validado pelo senso comum.

Por fim, é importante ressaltar que a cartilha não foi a juízo e, portanto, não pôde ser validade por ora, mas tal aspecto não diminui seu viés pedagógico, com função social de somar na relação de materiais para auxiliar na compreensão, entendimento, identificação e, principalmente, disseminação do respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Raynon Joel Monteiro; GUTJAHN, Ana Lúcia Nunes; PONTES, Altem Nascimento. Processo metodológico de elaboração de uma cartilha educativa socioambiental e suas possíveis aplicações na sociedade. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 14, n. 2, p. 69-85, 2019.

BAFFI, Maria Adelia Teixeira. **Modalidades de pesquisa: um estudo introdutório**. 2018.

BENEVIDES, Jéssica Lima; COUTINHO, Janaina Fonseca Victor; PASCOAL, Liliene Chagas; JOVENTINO, Emanuella Silva; MARTINS, Mariana Cavalcante; GUBERT, Fabiane do Amaral; ALVES, Allana Mirella. Construção e validação de tecnologia educativa sobre cuidados com úlcera venosa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 2, p. 309-316, 2016.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, n. 4, p. I-IV, 2015.

CARDINALI, Daniel Carvalho. A proibição de doação de sangue por homens homossexuais: uma análise sob as teorias do reconhecimento de Fraser e Honneth. **Revista Digital Constituição e Garantia de Direitos**, v. 9, n. 2, p. 110-136, 2016.

CUNHA, Maria Beatriz da Silva; DA FROTA, Kairo Cardoso; PONTE, Keila Maria de Azevedo; FELIX, Tamires Alexandre. Construção e validação de cartilha educativa para prestação de cuidados às vítimas de ofidismo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, 2020.

DUARTE, Bruno Monteiro; DOULA, Sheila Maria; DA SILVA, Douglas Mansur. Do vermelho ao arco-íris: as representações sobre o movimento LGBT nas mídias do MST. **Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 49, 2020.

GONÇALVES, Marllon Caceres; GONÇALVES, Josiane Peres. Gênero, identidade de gênero e orientação sexual: Conceitos e determinações de um contexto social. **Revista Ciências Humanas**, v. 14, n. 1, 2021.

JAEGER, Melissa Bittencourt; LONGHINI, Geni Nuñez; OLIVEIRA, João Manuel de; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, v. 2, n. 11, p. 1-16, 2019.

LAHNI, Cláudia Regina; AUAD, Daniela. Feminismos e direito à comunicação: lésbicas, bissexuais e transexuais em série. **Laplage em revista**, v. 4, n. 1, p. 92-108, 2018.

LOCKMANN, Kamila; TRAVERSINI, Clarice Salette. Alargamento das funções da escola e redefinição dos conhecimentos escolares: implicações da educacionalização do social. **Revista de Educação Pública**, v. 26, n. 63, p. 817-835, 2017.

MARQUES, Camila Araujo. O (não) entendimento da assexualidade em uma sociedade sexonormativa: Uma reflexão sobre como os aces são vistos pela massa. **PROCESSOS PSICOSSOCIAIS PSICOLOGIA E COMUNICAÇÃO**, 2020, p. 63.

MOURA, Francisco Nunes de Sousa; RODRIGUES, Carla Manoela Costa; DE MENEZES, Jones Baroni Ferreira. Tecnologias digitais educacional: tessituras da prática docente. **Ensino em Foco**, v. 2, n. 5, p. 72-86, 2019.

MOURA, Jayne Ramos Araújo; DA SILVA, Kadija Cristina Barbosa; ROCHA, Aparecida do Espírito Santo de Holanda; SANTOS, Sinderlândia Domingas dos, AMORIM, Thais Raiane da Silva; SILVA, Ana Roberta Vilarouca da. Construção e validação de cartilha para prevenção do excesso ponderal em adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 4, p. 365-373, 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista; ROSE, Eliane. “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”: o discurso inaugural no “desagendamento” do kit gay do MEC. **Revista e-Curriculum**, v. 15, n. 1, p. 125-152, 2017.

REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2016.

ROZARIO, Elton Santa Brígida do. Para além das plumas e paetês: movimento LGBT no enfrentamento à LGBTfobia em Belém (PA). **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 9, p. 05-26, 2020.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em revista**, v. 35, n. 73, p. 287-305, 2019.

SOUZA, Wilians Ventura Ferreira; FELICIANO, Carlos Alberto. Por uma leitura geográfica dos territórios da morte, do medo e de resistência LGTBQIAP+ no Brasil. **Revista NERA**, v. 24, n. 61, p. 87-111, Dossiê I ELAMSS, 2021.

STEIN, Marc. **The Stonewall Riots: A Documentary History**. NYU Press, 2019.

WASSER, Nicolas. O movimento musical LGBT e seus contramovimentos/The LGBT musical movement and its countermovements. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 8, n. 20, p. 50-77, 2020.